

Brasil pode ser protagonista em créditos de carbono



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

A agropecuária, responsável por 27% das emissões brasileiras de gases de efeito estufa, já deu os primeiros passos no mercado voluntário de crédito de carbono. É verdade que ainda um tanto timidamente, registrando apenas 15 projetos de pecuária e 28 florestais. A oferta atual de crédito de carbono no mercado brasileiro é de menos de 1% do potencial anual do país, a maior parte em conservação e geração de energia a partir de resíduos, segundo recente estudo da McKinsey. As projeções, contudo, apontam para um futuro mais promissor.

O Brasil concentra 15% do potencial global de captura de carbono nas atividades relacionadas ao uso da terra e pode responder por 50% da oferta de crédito no mercado internacional até 2030, quando se projeta um mercado voluntário de US\$ 50 bilhões. Em 2021, era de US\$ 1 bilhão. O metano vindo da agropecuária é o segundo maior responsável pelo aquecimento global.

Outra conta simples também evidencia o potencial de mitigação de GEE e de sua conversão em créditos de carbono no setor. O Brasil tem hoje cerca de 30 milhões de hectares de pastagens degradadas, 22 milhões severamente degradadas. A conversão de toda a área para o sistema de integração lavoura pecuária (ILP), sistema de manejo com grande capacidade de sequestro de gases poluentes, removeria do solo 539 milhões de toneladas de carbono equivalente (CO₂ e), gerando US\$ 5,4 bilhões em 20 anos, com base no preço de US\$ 10,00 a tonelada de CO₂ e.

'Em 2005 tínhamos cerca de 3 milhões de hectares com o sistema ILP e hoje há 17 milhões. A tecnologia está dominada e é economicamente viável. Temos que acelerar essa curva e a valoração do carbono através dos mercados será fundamental', diz Roberto Strumpf, diretor da Radicle Brasil e autor das projeções acima.

O país ainda não tem mercado regulado de crédito de carbono, contando apenas com projeto de lei tramitando no Congresso e decreto do governo editado este ano. Caso já houvesse lei específica, o valor da tonelada de CO₂ e

subiria para cerca de US\$ 100. Sérgio Schuler, presidente do GTPS, Grupo de Pecuária Sustentável ressaltou que a regulação aceleraria as negociações e o volume transacionado. 'Empresas como as do setor de petróleo e aviação precisariam comprar crédito, já que emitem mais que neutralizam, para se manterem dentro da meta. A pecuária brasileira seria um dos grandes vencedores, porque poderiam vender créditos. É uma mina de ouro do Brasil', diz.

Transformar a redução de emissões de gases de efeito-estufa em créditos de carbono e consequente receita para o produtor demanda, além de um mercado regulado, tecnologias de mensuração e monitoramento que assegurem confiabilidade capaz de destravar o potencial da agropecuária brasileira, segundo Guilherme Raucci, gerente de sustentabilidade digital da Syngenta, responsável pelo Reverte, programa de recuperação de áreas degradadas no Cerrado. Escala e transparência também são necessários para o mercado avançar. A boa notícia é que a digitalização vem crescendo, sobretudo com o aumento das greentechs.

O potencial de geração de créditos de CO2 da agropecuária é também relevante por ser tratar do segundo maior emissor de gases de efeito-estufa (o primeiro é mudanças de uso da terra) em seus 112 milhões de hectares de pastagens e 76 milhões de hectares de lavouras. Ao incluir os 10 milhões de florestas plantadas, o setor assume a liderança no quesito emissões brasileiras de carbono. Pesquisa da **Embrapa** sobre sistemas pecuários no bioma Mata Atlântica concluiu que a produção de intensidade média (cabeças por hectare) tem a menor pegada de carbono e maior potencial de créditos.

Alexandre Berndt, chefe-geral da **Embrapa** Sudeste, que participou do levantamento, observa que a produção em pastagens degradadas resultou no pior quadro, chegando a ser necessárias 63,9 árvores para o abatimento das emissões de cada animal mantido. Já o sistema de média lotação (3,3 unidades animais por hectare, em que se recuperou a pastagem degradada) foi capaz de neutralizar emissões de GEE de bovinos e ainda gerar créditos de carbono com apenas seis árvores.

'Os grandes ambientes de sequestro de carbono são as árvores e o solo', diz Marcelo Morandi, pesquisador sênior da **Embrapa Meio Ambiente**. Apesar disso, ele ressaltou as dificuldades de mensuração de sequestro de carbono no solo, além de custos elevados de checagem. Segundo ele, a agricultura tem sido muito efetiva na redução da pegada de carbono. Falta ampliar a conversão dessa captura de CO2 e em créditos no mercado.

Fonte: Valor Econômico

Assuntos e Palavras-Chave: Matérias com Citação da Embrapa - Embrapa, Embrapa Meio Ambiente